



Sons e Silêncios (21)

Elogio do Silêncio

Então a escuridão será a luz, e a quietude, a dança

T. S. Eliot, *Four Quartets*, "East Coker" III

M. HELENA VIEIRA

"Se toda a gente fizesse um pouco de silêncio!", exclama Roberto Begnini no fim do filme *La voce della Luna*, de Fellini.

A frase dita pelo actor, o qual desempenha ali o papel do inocente que cai no poço, de cada vez que se debruça para escutar a voz da lua, tem ressonâncias no mundo da música. O silêncio necessário à percepção dos sons da natureza é o mesmo que se torna indispensável como pano de fundo dos sons musicais. Um silêncio que, hoje, tem que conquistar-se a pulso entre o ruído da "civilização...". Um silêncio que tem perdido o seu lugar topográfico (porque as cidades "não param de crescer,") e cronológico (porque os dias deixaram de funcionar em sintonia com os ritmos da

luz e da natureza, para se submeterem à tirania das divisões aritméticas do relógio e das lógicas de produtividade e laboração contínua).

Para uma criança é mais difícil fazer silêncio, do que falar ou mexer-se. Na interpretação musical é-lhe mais difícil respeitar as durações das pausas, do que as durações dos sons; é-lhe mais difícil tocar as músicas lentas, do que as rápidas. Para muitos adultos, cansados do trabalho e das preocupações, é mais difícil parar, fazer silêncio, e ir ao teatro ou a um concerto, do que ir a um café movimentado e barulhento, ou ir dançar numa discoteca.

A conquista do silêncio, e das pontes que ele constrói para outras esferas de significação, exige mais esforço do que o perpetuar do movimento ou do ruído. Um esforço de contenção (e contensão) que obriga a parar, a pensar, a interpretar, a avaliar os sentimen-

tos, a dar sentido às coisas, à vida, à morte, ao que se faz ou ao que se deixa de fazer.

O silêncio da música é o silêncio da poesia, da pintura, do teatro, da dança, do atletismo, das artes marciais, da oração ou da meditação. É a tela indispensável onde se podem pintar e praticar todos esses gestos. É a condição para que ocorra aquele único momento criativo em que o som corta o silêncio (o *ictus* de Murray Schafer. *O Ouvido Pensante*. S. Paulo: Unesp, 1991, 74), em que a cor se inscreve no espaço, em que as palavras ascendem à esfera dos sistemas modelizantes secundários, das metalinguagens, em que o controlo do gesto é cerebral, em que o inexplicável se explica e nos ilumina por dentro e sem palavras.

Todos os compositores valorizaram e valorizam o silêncio. Alguns dedicaram-lhe até especial atenção. John Cage escreveu, para

além da sua famosa peça silenciosa 4'33" (*Quatro minutos e trinta e três segundos*), um conjunto de artigos que reuniu no livro *Silence*, em 1961, nos quais explora a relação entre as ideias de pensamento multi-dimensional e simultaneidade de pensamentos, e o silêncio.

A influência Zen está sempre presente no livro, directa ou indirectamente. (J. Cage. *Silence*. NY: Wesleyan University Press, 1973). Anton Webern desenvolveu um estilo de composição em que o silêncio desempenha também um papel fundamental. Arvo Pärt explora os sons nas suas composições de uma forma próxima do canto-chão medieval, sendo talvez o compositor mais representativo de uma linha contemporânea que recupera o valor do tempo no seu sentido plástico e quase atemporal, anterior ao próprio *tactus* renascentista. Franz Grüber escreveu, em 1816, e sobre

texto de Joseph Möhr, uma das melodias mais famosas em todos os pontos do globo, a partir do conceito do silêncio (a melodia *Silent Night* - Noite Feliz - celebrando o Natal).

Nos dias de hoje o silêncio é um dos bens mais difíceis de possuir, colectiva e individualmente. Por essa razão, é hoje problemático o florescimento das artes, tão alheias ao ruído, à sobrecarga dos horários de trabalho e à rotina e mecanização das funções. É difícil escrever um poema entre o almoço e a reunião das 14.30h. É difícil alcançar o estado de espírito necessário para pintar um quadro. É difícil estimular o lampejo da criatividade a centenas de alunos que habitam a universidade 8 horas por dia, devoram fotocópias anónimas à razão de sete catrapáizios por semana, e debitam relatórios assépticos ao premir de um botão. É difícil ir a um concerto à noite depois de um

dia de trabalho cansativo. É difícil desenvolver o gosto pelas artes em populações aliciadas pelo meganegócio do futebol (o tal que já deixou de ser desporto) e dos seus dispendiosos templos.

É difícil... E, no entanto, se não nos preocuparmos, colectivamente, por recuperar o silêncio e a natureza; se não fizermos esforços, colectivamente, por canalizar as energias e as verbas para actividades que desenvolvam as populações (em vez de, simplesmente, as *entretêrem*); se não nos empenharmos em defender a cultura e a educação, talvez venhamos um dia a perceber que contribuímos para que um local bonito e sossegado ou uma bela obra de arte estejam apenas, e ainda mais, ao alcance (físico)... de quem os puder comprar.

Sugestões de Concertos

Sábado, 29 de Dezembro — Guimarães, Centro Paroquial Paulo VI, 21.00h.

Grupo Coral de Pevidém, Grupo Coral de Ponte, Grupo Coral de Azurém, North Brass.

Domingo, 30 de

Dezembro — Porto, Sé Catedral, 16.00h. Entrada livre.

Música de Natal para órgão. Organista, Simon Preston.

Segunda-feira, 31 de Dezembro — Trofa, Igreja Paroquial de Guidões, 16.00h

"Concerto à minha Avó" (Programa e intérpretes a anunciar).

Quinta-feira, 3 de Janeiro — BRAGA, Instituto de Estudos da Criança (Antigo Magistério Primário), 18.00h. Entrada livre.

Concerto final da Master

Class de violino da Prof. Joyce Tan.

Segunda-feira, 7 de Janeiro — Porto, Ateneu Comercial (22. 2005007), 21.30h.

Concerto comemorativo do 25.º aniversário do 1.º Concerto do Grupo Música Nova (inserido no Progra-

ma "Do Natal aos Reis" da Câmara Municipal do Porto). Dir. Cândido Lima. Entrada livre.

Sexta-feira, 11, Sáb. 12 e Seg. 13 de Janeiro — Porto, Coliseu (22.3394940), 21.30h.

Romeu e Julieta. Companhia Nacional de Bailado.

Música de Sergei Prokoviev.

Terça-feira, 15 e Quarta, 16 de Janeiro — Porto, Coliseu (22.3394940), 21.30h.

Coppelia. Ballet da Ópera de Novosibirsk. Música de Léo Delibes.